

Betel e a tradição de Jacó

Bethel and the Jacob's Traditions

Betel y la Tradición de Jacó

Cecilia Toseli*

José Ademar Kaefer**

RESUMO

Betel desempenha um importante papel na origem, preservação e transmissão de antigas tradições norte-israelitas, antes e depois da queda de Samaria. O núcleo da tradição de Jacó pode estar relacionado ao contexto de Betel no século 10º AEC, quanto à delimitação de fronteiras em Gilead e à fundação de santuários no território do que viria a ser Israel Norte. As histórias de Jacó foram transmitidas oralmente e, depois, postas por escrito, provavelmente na primeira metade do século 8º, no Reino do Norte. Após a queda de Samaria, refugiados norte-israelitas levam suas tradições para Jerusalém, onde as antigas histórias de Jacó são relidas, submetidas à tradição de Abraão e suplantadas pela tradição do Êxodo, que se torna o mito de fundação de todo Israel, norte e sul.

Palavras-chave: Betel; Jacó; arqueologia; tradições norte-israelitas.

ABSTRACT

Bethel plays an important role in the origin, preservation and transmission of ancient Northern Israelite traditions, before and after the fall of Samaria. The core of Jacob's tradition may be related to the context of Bethel in the 10th century BCE, concerning the delimitation of boundaries in Gilead and the foundation of sanctuaries in the territory of what was to become Northern Israel. The Jacob's stories were transmitted orally and, later, written down, probably in the first half of the 8th century BCE, in the Northern Kingdom. After the fall of Samaria, northern israelites refugees lead their traditions to Jerusalem, where the old stories of Jacob are reread, submitted to the tradition of Abraham and supplanted by the Exodus's tradition, which becomes the foundation myth of all Israel, North and South.

Keywords: Bethel; Jacob; archaeology; northern traditions.

Resumen

Betel juega un papel importante en el origen, conservación y transmisión de las antiguas tradiciones del Norte de Israel, antes y después de la caída de Samaria. El núcleo de la tradición de Jacob puede estar relacionado con el contexto de Betel en el siglo 10º AEC, en cuanto a la delimitación de las fronteras en Galaad y la fundación de santuarios en el territorio de lo que se convertiría en Israel Norte. Las historias de Jacob fueron transmitidas oralmente y puestas por escrito, probablemente, en la primera mitad del siglo 8º AEC, en el Reino del Norte. Después de la caída de Samaria, los refugiados del norte de Israel llevaron sus tradiciones para Jerusalén, donde se relevaron las antiguas historias de Jacob, se subordinaron a la tradición de Abraham y se suplantaron por la tradición del Êxodo, que se convirtió en el mito fundacional de todo Israel, Norte y Sur.

Palabras clave: Betel; Jacob, arqueología; tradiciones israelitas del Norte.

* Mestranda em Ciências da Religião no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, área Linguagens da Religião, Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). E-mail: cecilia.toseli@ig.com.br.

** Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), coordenador do grupo de pesquisa "Arqueologia do Antigo Oriente Próximo" (www.metodista.br/arqueologia).

Introdução¹

O objetivo deste artigo é depreender a importância de Betel no processo de constituição da identidade de Israel Norte e na transmissão das tradições norte-israelitas antes e depois da queda de Samaria em 720, especialmente em relação às origens da tradição de Jacó. Para isso, buscamos estabelecer um diálogo entre o texto bíblico e os resultados das recentes pesquisas arqueológicas.

Betel é a localidade mais citada na Bíblia Hebraica, depois de Jerusalém. Ela é considerada talvez o lugar de culto mais importante do Reino do Norte. É o centro das tradições em torno do ciclo de Jacó em Gênesis (Gênesis 12,8; 13,3; 28,19; 31,13; 35,1-15). Aparece nas conquistas de Josué (Josué 7; 8; 12; 16,1; 18,13) e no livro dos Juízes (Juízes 1,22-26; 4,5; 20,18.26-29; 21,2). Está relacionada a Saul e Samuel, no Primeiro Livro de Samuel (1Samuel 7,16; 10,3-4). É santuário oficial de culto no Reino do Norte, especialmente como o local de um dos “touro jovens” (*‘egel*, comumente traduzido por “bezerro”) estabelecidos por Jeroboão I (1Reis 12,29-33; 13). É depreciada no ciclo de Elias-Eliseu (2Reis 2; 10,29) e fortemente criticada em Amós (3,14; 4,4; 5,5.6; 7,10-13) e Oseias (10,5-13; 12,5). É lugar de assentamentos assírios, após a queda de Samaria (2Rs 17,28). É o alvo principal no relato da reforma de Josias (2Reis 23,15-16). E, por fim, Betel ainda figura na lista de cidades dos repatriados em Esdras 2,28 e Neemias 7,32. O termo “Betel” em Zacarias 7,2 refere-se, provavelmente, a nome de pessoa e não a lugar.

De acordo com a narrativa bíblica, Betel é citada em todos os períodos da história de Israel: patriarcas, conquista da terra, época tribal, monarquia, exílio e pós-exílio até o período grego. Disto resultou a compreensão de que Betel teria sido ocupada praticamente de modo contínuo ao longo de toda a sua história e de que seu território teria pertencido a Judá desde as origens.

Porém, a reavaliação dos resultados das escavações em Betel sugere uma realidade diferente. As recentes pesquisas arqueológicas nos informam que, por um lado, não houve ocupação contínua do sítio; por outro, o território não esteve sob o domínio de Judá em suas origens.

As novas datações propostas pela arqueologia indicam que o sítio de Betel prosperou no século 13º, no século 10º, no século 8º e no século 2º; foi fracamente ocupado no século 9º e no final do século 8º e início do século 7º; e, provavelmente, esteve desabitado ou quase deserto nos períodos babilônio e persa (FINKELSTEIN; SINGER-AVITZ, 2009)².

¹ Todas as datas neste trabalho deverão ser entendidas como anteriores à era comum (AEC), se não houver outra especificação.

² As referências da pesquisa arqueológica são feitas a partir de eras, devido à dificuldade de se estabelecer uma datação precisa em anos. Para facilitar a leitura deste artigo, adotamos a correspondência em séculos proposta por Finkelstein e Singer-Avitz em relação à história do assentamento de Betel do Bronze tardio II

Em suas origens, no século 10º, Betel constituiu o núcleo de governo da primeira entidade político-territorial do Norte, estando sob o governo de Jerusalém somente após a queda dos omíridas, no século 9º (não é possível determinar com precisão se Betel foi afiliada à entidade do sul após a queda de Saul). Com a expansão territorial do Reino do Norte na primeira metade do século 8º Betel tornou-se novamente israelita.

Como sabemos diversos fatores explicam o descompasso entre o texto bíblico e as informações da arqueologia. E quando as narrativas se referem ao período anterior ao oitavo século, o desencontro é maior, pois grande parte dos textos relativos às origens do Norte e do Sul foi redigida a partir da perspectiva de Judá, após a queda de Samaria.

A importância dos dados sobre a ocupação de Betel e sua afiliação ao Norte ou ao Sul está relacionada à possibilidade de se reconstituir o contexto histórico por trás das tradições norte-israelitas, especialmente do núcleo da tradição de Jacó como narrativa de fundação de Israel Norte.

O nome Betel significa “Casa de El”. A história de fundação deste santuário está associada a Jacó, que, por sua vez, passa a ser chamado de “Israel”. Tanto o nome do santuário de “Bet-el”, quanto o nome do povo de “Isra-el” aparecem ligados ao deus El, e não a Javé (igualmente o nome do santuário de “Penu-el”, na Transjordânia, também associado a Jacó). Isto sugere que o culto a El era mais antigo e mais forte do que o culto a Javé e que a tradição do santuário de Betel é anterior à tradição de Jerusalém. É possível também que o principal símbolo do culto a El – o touro – tenha sido assimilado pelo culto a Javé no santuário de Betel (e em outros santuários do Norte e do Sul). Neste sentido, as origens do povo de Israel estariam relacionadas a Jacó, ao santuário de Betel ao deus El, representado na forma de touro.

Consideramos como pano de fundo do núcleo da tradição de Jacó o contexto histórico de Betel no século 10º. Inicialmente, as histórias de Jacó foram transmitidas oralmente a partir de santuários como Betel e Peniel e, depois, escritas, provavelmente na primeira metade do século 8º, no Reino do Norte. Após a queda de Samaria, a tradição de Jacó chegou a Jerusalém

ao período helenístico (2009, p. 43): Bronze tardio II: século 13º – forte atividade; Bronze tardio III: século 12º – indefinido; Ferro I (antigo e médio): final do século 12º até final do século 11º: forte atividade; Ferro I (tardio): final do século 11º até o final do século 10º: intervalo; Ferro IIA (antigo): final do século 10º até início do século 9º: intervalo; Ferro IIA (tardio): segunda metade do século 9º: declínio; Ferro IIB: século 8º e primeiras décadas do século 7º: forte atividade; Ferro IIC: final do século 7º e início do século 6º: fraca atividade; Babilônico-persa: século 6º até final do século 4º: intervalo? / atividade muito fraca?; Helenista: principalmente do século 2º: forte atividade.

pelos refugiados norte-israelitas e foi integrada ao cânon de Judá (não sem conflitos, como veremos).

Neste artigo, inicialmente, chamamos a atenção para o processo de construção e reconstrução do significado de Betel nos textos bíblicos, sobretudo a partir do sétimo século. Em seguida, apresentamos os resultados das escavações de Betel, relacionando-os a uma possível reconstituição da história do Reino do Norte. Limitamo-nos às datas-limite da história norte-israelita: a fase formativa, sobretudo no século 10º, e a fase final de apogeu equeda, no século 8º. Concluimos com algumas considerações acerca de Betel e da tradição de Jacó.

O referencial bíblico

Um primeiro aspecto que gostaríamos de assinalar sobre as citações bíblicas de Betel é a dinâmica de construção e reconstrução de sentido: Betel é, ao mesmo tempo, “espaço físico” e “geografia simbólica”, local sagrado de fundação do Reino do Norte e casa de perversão de Israel.

Do ponto de vista geopolítico, a afiliação do território de Betel nos textos bíblicos é variável. Em alguns textos, é considerado pertencente ao Reino do Norte, em outros a Judá. Talvez isso se deva em parte à sua localização geográfica – **fronteira** – entre o Reino do Norte e o Reino do Sul. Betel localiza-se a 10 km de Jerusalém.

Assim, por exemplo, de acordo com 1Reis 12,21, Benjamim, em cujo território situa-se Betel, teria permanecido leal a Judá por ocasião da divisão do Reino Unido entre Roboão e Jeroboão I, dando a entender que Betel pertencia ao Sul desde suas origens. No entanto, no versículo anterior (1Reis 12,20), havia sido dito que somente Judá “ficou fiel à casa de Davi”. Outros textos, como 1Reis 15,16-22; Josué 16,1-2; 18,11-14; Juízes 3,12-30; 4,5; 5,14; 2Samuel 16,5-14; 20,1-2, também afilam o território de Benjamim ao Norte e, por vezes, em oposição a Davi (FINKELSTEIN, 2015, p. 67).

Não é necessário supor que as fronteiras entre o Norte e o Sul se mantiveram as mesmas ao longo dos séculos, especialmente durante as alternâncias de poder entre Israel, Damasco e Assíria e seus reflexos na pequena e marginal Judá, no período da monarquia. Mas, ao mesmo tempo, confiar somente nos textos bíblicos deuteronômistas significa assumir exclusivamente a perspectiva dardação de Judá (FINKELSTEIN, 2015, p. 65-68) e ignorar possíveis tradições norte-israelitas. São notórios os conflitos entre os textos do sul e do norte. Neste caso, como veremos, parece-nos que em Betel e nas terras altas de Benjamim originalmente se constituiu o núcleo de uma entidade político-territorial norte-israelita no século 10º, cujo domínio

atingia as margens do vale de Jezrael, ao norte, e a área do rio Jaboc, na Transjordânia. Nos textos bíblicos, esse território é associado à casa de Saul (1Samuel 11; 2Samuel 2,4-7.12).

Do ponto de vista do significado de Betel para a história de Israel e de Judá, os textos bíblicos também variam, positiva e negativamente. Ora Betel é considerada a partir de sua importância como local de fundação de Israel Norte, relacionado a Jacó no livro de Gênesis (Gênesis 12,8; 13,3; 28,19; 31,13; 35,1-15), ora é vista como centro de perversão do culto a Javé, especialmente por causa da entronização das imagens dos “touro jovens” de Jeroboão I (1Reis 12,28-29; 13; 23; 2Reis 17; Oeias 4,15; 8,10; 10,5; Amós 3,14; 4,4; 5,5). Vale lembrar que recentes estudos têm apontado para a possibilidade de reconhecimento de uma tradição de culto nacional a Javé em Betel (e em Samaria) representado na imagem de “touro jovem” (KAEFER, 2015), distinta, portanto, da expressão do culto a Javé em Jerusalém, porém igualmente legítima.

O processo de criação e recriação do significado de Betel na Bíblia Hebraica, em diferentes períodos da história de Israel e de Judá, e com diferentes matizes³, está relacionado ao processo cultural de construção das identidades. Os textos bíblicos constroem e reconstróem significados diante dos desafios da realidade e dos desequilíbrios nas relações de poder. Trazem memórias complementares, divergentes e, por vezes, antagônicas.

Betel, talvez o santuário mais importante do Reino do Norte e centro de preservação e transmissão de antigas tradições norte-israelitas, foi transformado no principal símbolo de condenação de Israel Norte, e de toda a sua história. De “casa de deus”, “casa de El” (*Bet-El*), tornou-se “casa da injustiça, do engano, da maldade” (*Bet-Áven*).

O processo de dessacralização de Betel e de outras tradições norte-israelitas acentuou-se a partir do século 7º, quando prevaleceu na redação bíblica a ideia de Reino Unido, tendo por base a primazia da casa de Davi e a centralidade e exclusividade do culto a Javé em Jerusalém.

Neste sentido, a arqueologia pode ser uma valiosa ferramenta para a reconstrução da história de Israel a partir dos referenciais do Norte (embora sempre em diálogo com a tradição do Sul).

A seguir, apresentamos dados das escavações do sítio de Betel e uma tentativa de reconstituição da história norte-israelita, especialmente nas datas-limite do reino de Israel: a fase formativa, considerando de modo abrangente o período entre os séculos 13º e 10º, e a fase de apogeu e declínio final, no século 8º.

³ No processo de construção de identidades, tanto as atribuições positivas quanto as negativas são válidas e expressam formas de pertencimento e compreensão do mundo.

Os dados da arqueologia

O monte da Betel bíblica situa-se na atual vila de Betin⁴ e é um dos sítios mais importantes na região das montanhas centrais de Canaã, em distintas fases da história.

As primeiras escavações em Betel foram realizadas sob a direção de W.F. Albright em 1934 e de J.L. Kelso em 1954, 1957 e 1960. Em geral, a conclusão a que chegaram foi a de que o sítio de Betel esteve ocupado de modo contínuo desde o Calcolítico (por volta dos anos 2500) até o período helenista, sempre afiliado a Judá.

Em 2009, Israel Finkelstein e Singer-Avitz reavaliam os relatórios das escavações de Betel, divergem em muitos pontos em relação a seus predecesores e apontam as dificuldades encontradas na análise dos dados (FINKELSTEIN; SINGER-AVITZ, 2009).

Em relação à catalogação dos achados, Finkelstein e Avitz apontam a ausência de plantas e desenhos detalhados em seções, que permitiriam relacionar o desenho ou a foto com o lugar exato de onde provêm. Os vasos de cerâmica, por exemplo, pertencentes a diferentes períodos, estão misturados e foram atribuídos a uma mesma fase, inviabilizando a reconstituição de um possível contexto original para os fragmentos encontrados.

A opção, então, foi examinar a cerâmica tipologicamente e tentar determinar quais os períodos que estariam representados nas coleções e em que intensidade. Contra a adoção deste critério, argumentou-se que, à época das escavações, parte do monte de Betel já estava coberta pela vila de Betin, tendo sido escavado somente o setor noroeste – as áreas não escavadas poderiam ter fornecido resultados diferentes.

Entretanto, o contra argumento de Finkelstein e Avitz foi que a área examinada pelas escavações de 1930s/50s era uma área significativa, cobrindo 150 x 100m. De fato, em 1927, Albright estimou a área aberta à escavação cobrindo em torno de 1,5 hectares, o que significa a metade da área do monte. Este setor foi explorado em vários campos relativamente largos. A área escavada em Betel era mais significativa do que a média de escavação em outros montes bíblicos. Portanto, os achados (inclusive fragmentos avulsos) deveriam representar a história do assentamento do sítio pelo menos em linhas gerais. Do mesmo modo, apesar de a quantidade de cerâmica e de outros achados ser relativamente limitada, foi considerado suficiente para desenhar um esboço geral da história do assentamento em Betel.

4 Não há dúvida quanto à correspondência entre Betel e Betin, devido à localização geográfica, ao nome da vila, à proeminência no período do Ferro e à ausência de outro sítio alternativo na mesma área (Raine *apud* FINKELSTEIN, 2009, p. 33).

Feitas as observações metodológicas quanto à reavaliação do sítio de Betel, Finkelstein e Avitz apresentam suas conclusões (a seguir).

A ocupação de Betel

A reavaliação da arqueologia de Betel indica que o sítio prosperou no século 13º, em torno do século 10º, no século 8º e no século 2º. No final do século 8º e início do século 7º foi fracamente ocupada. Esteve provavelmente desabitada ou quase deserta nos períodos babilônico e persa.

Interessa-nos, particularmente, relacionar essas fases de ocupação e prosperidade de Betel, apontadas pela arqueologia, com a história de Israel Norte. Detivemo-nos no período “pré ou proto-israelita”, que estamos considerando entre o final do século 13º e meados do século 10º, e a fase de apogeu do Reino do Norte, durante o governo de Jeroboão II (783-743), no oitavo século.

O período “proto-israelita”

a) O século 13º: a ocupação das terras altas

A Betel do período do Bronze foi quase totalmente destruída pela crise do século 13º, que atingiu todos os impérios da época – Egito, Anatólia (Hititas) e Grécia (Micenas) –, repercutindo também em Canaã.

Após um período de indefinição, seguiu-se a fase de reconstrução de Betel no século 12º ou 11º, apresentando, contudo, uma cultura material bem mais modesta. Esse período está relacionado às transformações sociais da vida de pastores e camponeses, decorrentes da crise geral.

As pesquisas arqueológicas relativas ao final do século 13º até o século 11º apontam a descoberta nas montanhas de uma densa rede de pequenas aldeias isoladas e autossuficientes, sem sinais de estratificação social, sem fortificações, arquitetura pública, túmulos suntuosos ou artigos luxuosos. Trata-se de grupos nativos, sedentarizados, de origem pastoril. A estimativa de crescimento do número desses assentamentos na região montanhosa central de Canaã é de aproximadamente dez vezes (FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2003, p. 162).

Há, porém, uma exceção em relação a esses assentamentos: os sítios localizados no platô de Gibeon-Betel, ao norte de Jerusalém. Por um lado, eles apresentam um sistema de fortificações do tipo casamata. Por outro, ao contrário da maioria dos assentamentos dessa fase, cuja ocupação prorrogou-se ininterruptamente até a consolidação do reino de Israel Norte com os omíridas, os sítios da região do platô de Gibeon foram abandonados na se-

gunda metade do século 10º (apesar de suas fortificações), e Betel, especificamente, não apresenta evidência de forte atividade até o início do século 8º.

b) O século 10º: a expansão de Gibeon-Betel e a campanha de Sheshonq

O sistema de fortificação da região de Gibeon-Betel traduz uma conhecida tradição de “homens fortes das montanhas” que governavam ou tinham influência sobre vasta extensão territorial, a partir de assentamentos relativamente modestos (às vezes nem fortificados) na região das montanhas centrais de Canaã. Tal realidade pode ser depreendida a partir de fontes bíblicas e extrabíblicas⁵.

1) *Fonte extrabíblica:*

A inscrição de Sheshonq I (945-925) no templo de Amon, em Karnak, no Egito, cita as cidades conquistadas pelo faraó por ocasião de sua campanha militar em Canaã no século 10º (mencionada em 1Reis 14,25-28). As localidades citadas são muito diferentes daquelas que geralmente aparecem nas listas gravadas pelos faraós do Novo Reino.

Entre os lugares das terras altas ao norte de Jerusalém citados na inscrição estão Bet Horon, Gibeon e Zamaraïm, próximas a Betel. Também aparecem na inscrição lugares da área do rio Jaboc, na Transjordânia. Não apareceu nome de Jerusalém, nem de nenhum sítio de Judá⁶.

Chama a atenção o fato de que a lista de Sheshonq mencione as localidades ao norte de Jerusalém (em torno de Betel) e aquelas que estão situadas na área do rio Jaboc, porque estão distantes das principais rotas internacionais e não apresentam atrativos para os faraós. Além disso, normalmente, os exércitos imperiais não combatem em área de montanha, devido, por exemplo, à dificuldade de acesso dos carros de guerra e ao risco de emboscadas. Por outro lado, também chama a atenção, a ausência do nome de Jerusalém, pois sugere que devia ser uma vila muito pequena e marginal no século 10º, sem interesse para o Egito.

Tudo indica que a campanha militar de Sheshonq na segunda metade do século 10º na região de Gibeon-Betel é uma exceção e foi dirigida diretamente contra um governo local “norte-israelita”, não ligado a Jerusalém ou a qualquer outro assentamento na região de Judá. Provavelmente o fortalecimento desse grupo situado no platô de Gibeon-Betel resultou num movimento de expansão em direção ao norte e a leste, tendo em vista os férteis vales de

⁵ Sobre a semelhança entre a entidade territorial de Gibeon-Betel no século 10º e o exemplo de Siquém no século 19º e no século 14º (FINKELSTEIN, 2015, p. 29-45).

⁶ Sobre as localidades atingidas na campanha militar do faraó Sheshonq em Canaã nas regiões norte, centro e sul (FINKELSTEIN, 2002).

Jezrael e do Jordão, a região de Gilead e o controle das principais rotas de comércio inter-regional. Esses objetivos chocaram-se com os interesses egípcios na região de Canaã, resultando numa campanha militar dirigida contra o núcleo dessa entidade político-territorial, situado em torno de Gibeon-Betel.

2) *Fonte bíblica*

Curiosamente, a lista de cidades relacionadas pela campanha de Sheshonq corresponde ao território atribuído a Saul no Primeiro Livro de Samuel, cujo centro era Benjamim e estendia-se até o sul do vale de Jezrael e à área do rio Jaboc, na Transjordânia (1Samuel 11; 2Samuel 2,4-7.12). A tradição da batalha e morte de Saul no monte Gilboa, relacionada à antiga guarnição-fortaleza egípcia de *BetShean*, reforça a autenticidade dos fatos narrados. Também há uma breve descrição do território governado por Ishbaal, filho de Saul, em 2Samuel 2,8-9.

A coincidência entre os territórios citados na lista de Sheshonq e o texto bíblico associado a Saul sugere, mais uma vez, a existência de um governo “proto-israelita” na região de Gibeon-Betel, ao norte de Jerusalém, que alcançou as margens do vale de Jezrael e a área do rio Jaboc, no século 10º. Possivelmente esse é o contexto histórico por trás do núcleo das tradições de Jacó.

3) *O ciclo de Jacó*

O núcleo do ciclo de Jacó trata das fronteiras de Israel em Gilead (Gênesis 31,44-49) e da fundação de santuários em Betel (Gênesis 28,11-22), Penuel (Gênesis 32,23-32) e talvez Siquém (Gênesis 33,20), no Reino do Norte. Não cita, por exemplo, regiões que foram incorporadas a Israel Norte à época da monarquia omrida ou de Jeroboão II, como os vales do norte ou os territórios aramaicos a leste, além de Misfa de Gilead. Também não menciona Silo, importante santuário do norte.

Como a destruição de Silo foi atestada em meados do século 11º, o núcleo das tradições de Jacó deve ter surgido após o século 11º (quando Silo já havia sido destruído) e antes do século 9º (quando se dá a expansão israelita mais ao norte e a leste, no período omrida). Assim, a melhor alternativa para as origens da tradição de Jacó é a fase de prosperidade de Betel no século 10º (embora isto dependa das pesquisas em Penuel, cujas informações satisfatórias ainda não estão disponíveis) (FINKELSTEIN, 2015, p. 174).

A tradição de Jacó é a narrativa de fundação de Israel Norte. Em Gênesis 35,1-15, Jacó passa a se chamar Israel e o lugar de manifestação do seu deus é Betel (*beyt-’el*), que significa “Casa de El”, e não “casa de Javé”. Tanto no nome Israel, quanto no nome Betel (e igualmente “Penuel”, outro

santuário ligado à tradição de Jacó) atesta-sea referência à divindade El. Isto sugere que o culto a El no santuário de Betel, ligado às histórias de Jacó, era mais antigo e mais forte do que o culto a Javé, ou do que a tradição do culto em Jerusalém.

Por outro lado, o culto ao deus El (e a Baal), na tradição de Ugarit, é associado ao símbolo do touro. Provavelmente, quando Javé se torna a divindade principal do Reino do Norte, ele assimila os atributos de El, inclusive a forma de representação do touro⁷. O culto a El/Javé, representado na forma do touro, em Betel e possivelmente em outros santuários do Reino do Norte, reflete não somente a diversidade do culto no Norte, como também a diversidade de locais de culto, diferentemente da tradição da centralidade do culto a Javé em Jerusalém.

Neste sentido, as origens do povo de Israel estariam relacionadas a Jacó, ao santuário de Betel e ao culto ao deus El, representado na forma de touro.

As histórias sobre surgimento de grupos e fundação de santuários estão ligadas à necessidade de fortalecer identidades, gerar sentimento de pertença, estabelecer fronteiras, definir relações com grupos vizinhos. Tais histórias são preservadas e transmitidas oralmente até, algumas vezes, serem postas por escrito em seus santuários de origem, em tempos de prosperidade. A tradição de Jacó, surgida em Betel e Penuel no século 10º, deve ter sido escrita na primeira metade do século 8º, durante o apogeu do reinado de Jeroboão II (783-743).

A primeira metade do século 8º

Voltando um pouco na história, após o período de prosperidade em Betel à época dos saulidas, no século 10º, houve uma fase de indefinição ou de fraca atividade em Betel até o final do governo dos omridas, em 842. A partir daí, Betel esteve sob o controle do rei Joás de Judá (835-796), durante a hegemonia de Damasco, mas também nessa fase não houve evidência de forte atividade no sítio. De acordo com Finkelstein, “Arqueologicamente falando, nenhum sítio, em todo o território do Reino do Norte, até agora, mostrou atividade cultural do final do Ferro IIA ao início do Ferro IIB” (FINKELSTEIN, 2015, p. 168). Isto sugere algum tipo de reorganização do culto em Israel Norte na transição do século 9º para o século 8º, atestada pelo desaparecimento de diversos santuários locais.

Geralmente, a reorganização do culto está associada a processo de centralização econômica e dominação ideológica, na medida em que o culto nacional estava intrinsecamente ligado à política do rei nas monarquias do Antigo Oriente Próximo.

⁷ Para a análise da referência ao touro jovem (*’egel*) nos textos de Êxodo 32,4b; 1Reis 12,28c; Oseias 8,4a; Deuterônimo 33,17a; Gênesis 49,22-26; Números 23,22; 24,8 (KAEFER, 2015, p. 878-906).

Por sua vez, a organização administrativa e política do Estado, associada ao crescimento econômico, requer o desenvolvimento da escrita nos templos e palácios. Em Israel, o surgimento da escrita elaborada é atestado no século 8º, e em Judá um pouco mais tarde, no século 7º (FINKELSTEIN, 2015, p. 169-170).

Todas essas condições necessárias à prosperidade de um reino estão presentes em Israel Norte na primeira metade do século 8º. Esta é a fase de maior expansão territorial, militar e comercial do Reino do Norte, durante o governo de Jeroboão II. Portanto, este período é a melhor alternativa para situar a compilação das tradições norte-israelitas, antes da queda de Samaria.⁸

Há certo consenso a propósito de quais seriam as principais tradições do Norte: o núcleo do ciclo de Jacó em Gênesis, o chamado “Livro dos Salvadores” em Juízes, o material pró-Saul e anti-Davi nos livros de Samuel e Reis, parte do ciclo de Elias e Eliseu no livro de Reis e alguma profecia do Norte do século 8º. Ultimamente, o êxodo também vem sendo considerado por alguns pesquisadores uma tradição originária de Israel Norte, ligada a Samaria e ao sítio de Kuntillet Ajrud, na região do deserto do Sinai (FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2003).

Não dispomos, portanto, de grande quantidade de textos ou de narrativas extensas, abarcando a totalidade do passado de Israel Norte. A maior parte das tradições norte-israelitas nos chegou de modo fragmentário e está relacionada a memórias locais, surgidas, talvez paralelamente, em diferentes santuários (FINKELSTEIN, 2015, p. 170).

A tradição de Jacó, entre outras, deve ter sido escrita em Israel Norte, na primeira metade do século 8º, provavelmente no santuário de Betel (e talvez de Penuel, na Transjordânia), durante o reinado de Jeroboão II.

De fato, se a reavaliação das escavações de Betel feitas por Finkelstein e Avitz estiver correta, não há evidência de intensa atividade de escribas em Betel no final do século 7º, assim como não há sinal de que a destruição de Betel tenha sido resultado da ação de Josias. No tempo de Josias, Betel já estava em declínio. Também é mínima, talvez inexistente, a evidência de atividade em Betel no período babilônio, persa ou no início da fase helenista. A referência a Betel como local de assentamento de repatriados em Esdras

⁸ Há autores que defendem uma data posterior de redação em Betel, por exemplo: KNAUF, E.A. Bethel: the israelite impact on judean language and literature. In: LIPSCHITS, O.; Oeming, M. (Orgs.). *Judah and the judeans in the Persian Period*. Winona Lake, Ind.: Eisenbrauns, 2006, p. 291-349; DAVIES, P.R. *The origins of biblical Israel*. Nova York: T&T Clark, 2007; e DAVIES, P.R. The trouble with Benjamin. In: REZETKO, R.; LIM, T.H.; AUCKER, W.B. (Orgs.). *Reflection and refraction: studies in biblical historiography in honour of A. Graeme Auld*. Leiden: Brill, 2007, p. 93-111, conforme citação de FINKELSTEIN, 2015, p. 17.

2,28 e Neemias 7,32 reflete a realidade do final do período helenista, quando Betel novamente apresenta sinais de forte atividade (e não repovoamento à época persa) (FINKELSTEIN; SINGER-AVITZ, 2009, p. 45).

Portanto, o período mais adequado para a redação das tradições norte-israelitas em Israel Norte, particularmente o núcleo da tradição de Jacó, seria na fase de prosperidade de Betel, na primeira metade do século 8º, apogeu do reinado de Jeroboão II.

Considerações finais

Após a queda de Samaria, grande número de refugiados migra para Jerusalém, trazendo suas tradições. Tanto a população do Norte quanto a do Sul têm de lidar com a nova realidade: o colapso do grande Israel e a transformação de Jerusalém de pequeno assentamento de cerca de 6 hectares, com bases clânicas, em uma área de 60 hectares, densamente povoada e demograficamente heterogênea. Sob essas condições, tem início o complexo processo de reconstrução da identidade de ambos os reinos.

Neste contexto, o santuário de Betel deve ter desempenhado importante papel na transmissão das tradições do Norte. De acordo com 2Reis 17,24ss, houve assentamentos assírios em Betel, o que significa que pode ter havido algum tipo de atividade no santuário durante um período após a queda de Samaria, apesar de a arqueologia indicar fraca atividade no sítio de Betel no final do século 8º e durante o século 7º.

A partir do referencial de Betel e da migração de norte-israelitas para Jerusalém, consegue-se explicar melhor como tradições originárias do Norte foram integradas à redação de Judá. Algumas se mantiveram positivas em relação a Israel Norte, como as narrativas pró-Saul e anti-Davi nos livros de Samuel e Reis; outras foram depreciadas ou submetidas às tradições do Sul, como a de Jacó; outras ainda foram relidas e se tornaram memória integradora do norte e do sul, como a tradição do êxodo; e certamente há as que foram esquecidas...

Resumindo, consideramos que o núcleo da tradição de Jacó está relacionado ao contexto histórico de Betel no século 10º, relativamente à definição de fronteiras em Gilead e à fundação de santuários como Betel, Penuel e talvez Siquém. Neste sentido, a tradição de Jacó se constitui narrativa de fundação de Israel Norte e estava associada, inicialmente, à divindade El e, somente depois, a Javé, ambos representados na forma de touro jovem (*'egel*). Tal realidade atesta não só a diversidade de locais de culto (não só Jerusalém), como também a diversidade dos cultos locais a Javé (representado na forma de touro). Essa memória foi transmitida oralmente e, afinal, redigida

na época de prosperidade de Betel, e de maior expansão do Reino do Norte, na primeira metade do século 8º. Certamente os dados sobre Penuel, na Transjordânia, serão importantes para aprofundar o estudo da tradição de Jacó. Após a queda de Samaria, as tradições do Norte são relidas, tendo por base a ideia de Reino Unido, com a primazia da casa davídica e a centralidade e exclusividade do culto a Javé em Jerusalém. Assim, gradualmente, se dá a dessacralização de Betel, a depreciação da tradição de Jacó e sua submissão à tradição de Abraão e a consolidação do êxodo como tradição de fundação de todo Israel, norte e sul. Embora não haja referência explícita no Pentateuco, tudo sugere, afinal, que Jerusalém é o “local” ou a “terra prometida” no êxodo, legitimando-se, assim, a hegemonia de Judá sobre o Reino do Norte.

Referências bibliográficas

- BURNETT, J.S. “Going down to Bethel”: Elijah and Elisha in the Theological Geography of the Deuteronomistic History”. *JBL*, vol. 129, n. 2, p. 281-297, 2010.
- FINKELSTEIN, I. “The campaign of Shoshenq I to Palestine. A guide to the 10th century BCE Polity. *ZDPV*, vol. 118, n. 2, p. 109-135, 2002.
- FINKELSTEIN, I. “Saul, Benjamin and the emergence of ‘Biblical Israel’: an alternative view”. *ZAW*, vol. 123, Bd., S. 348-367, 2011.
- FINKELSTEIN, I. *O Reino esquecido: arqueologia e história de Israel Norte*. Tradução de Silas Klein Cardoso e Élcio Valmiro Sales de Mendonça. São Paulo: Paulus, 2015.
- FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N.A. *A Bíblia não tinha razão*. Tradução de Tuca Magalhães. São Paulo: A Girafa, 2003.
- FINKELSTEIN, I., SINGER-AVITZ, L. Reevaluating Betel, *ZDPV* 125 (2009) 1.
- KAEFER, J.A. “O Êxodo como tradição de Israel Norte, sob a condução de El e Javé na forma de touro jovem”. *Horizonte*, Belo Horizonte, vol. 13, n. 38, abr-jun, p. 878-906, 2015.
- MATTHEWS, V.H. “Back to Bethel: geographical reiteration in biblical narrative”. *JBL*, vol. 128, n. 1, p. 149-165, 2009.

Submetido em: 10/10/2015

Aceito em: 17/11/2015